

“A Portuguesa”

Às ARMAS!

Grita o povo.

É tradição? É orgulho?

É instituição? É alma de um povo?

É sofrimento de uma nação?

Tenho no sangue a citação.

Mas não tenho na mente, a necessidade.

Outrora chorava, quando assim te ouvia.

Agora...não vejo o porquê.

Tenho-te como saudade imensa dos meus tempos de menino.

Tenho-te como recordação longínqua, imposta em forma de repressão.

Minha “Portuguesa”...por ti, batia a pala!

Por ti, erguia a bandeira.

Por ti, encarnava homens em luta, em terras distantes.

Por ti, nem me mexia, até terminar a ultima vogal da tua melodia.

Mas nunca entendi, tal agressividade nas tuas palavras.

Que me pareciam doces, e me faziam tremer de respeito.

Onde quer que fosse que te ouvisse, tinha de parar, ouvir-te e cantar-te.

Amava-te tanto...

Hoje, passo sem ti de uma forma estranha.

Pois que me pareces desfasada, por estes dias que avançam contra o teu conteúdo e a tua essência.

Os tempos mudaram.

Por mais que te cantem, jamais serás a mesma.

Agora, ignoro-te.

O meu amor e sentimento profundo por ti, transformou-se em contestação das tuas palavras.

Palavras essas, que já não fazem sentido para mim.

Porque eu não quero armas.

Porque eu jamais quero marchar contra canhões.

Porque eu não quero guerra.

E porque eu já não sou herói do mar, nem da terra.

Mas tu, continuarás a ser “A Portuguesa”.

Eu, já não sei se sou português.

Fernando Jorge – 6/09/2023